

## A propósito da “síntese brasileira” nos estudos de gêneros

### *On the “Brazilian synthesis” in genre studies*

Benedito Gomes Bezerra

UPE / UNICAP

beneditobezerra@gmail.com

**Resumo:** Em publicações recentes, pesquisadores estrangeiros têm mencionado a existência de uma “síntese brasileira” nos estudos de gêneros (textuais / discursivos), a qual teria sido impulsionada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pelo Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), configurando-se como um modelo teórico alternativo, uma quarta ou quinta grande tendência mundial de estudos de gêneros, capaz de conciliar abordagens linguísticas, retóricas, sociológicas e pedagógicas. O aludido modelo brasileiro encontraria suas bases teóricas e metodológicas na perspectiva franco-suíça do interacionismo sociodiscursivo. Este trabalho tem como objetivo discutir o estatuto da “síntese brasileira” conforme defendida principalmente por Bawarshi e Reiff ([2010] 2013), mas também por Swales (2012), a partir de um levantamento panorâmico das abordagens teóricas correntes no país, incluindo uma discussão das principais influências que marcam a pesquisa brasileira no campo dos gêneros. Para isso, uma atenção especial é dedicada a estudos que buscam mapear abordagens teóricas, bem como combinações entre abordagens, nos trabalhos de pesquisadores brasileiros, além de se realizar um exame crítico de publicações que contribuíram para a divulgação dos estudos brasileiros de gêneros no exterior e fundamentaram a hipótese da síntese.

Os resultados indicam a existência de uma significativa complexidade e ecletismo nas abordagens de gêneros por autores brasileiros, ao lado da adesão a perspectivas específicas e diferenciadas, o que problematiza em muito a possibilidade de uma síntese entendida como uma perspectiva única e unificada.

**Palavras-chave:** gêneros; teorias de gêneros; síntese brasileira.

**Abstract:** In recent publications, foreign researchers have mentioned the existence of a “Brazilian synthesis” in genre studies, which would have been driven by the Brazilian National Curriculum Parameters (PCN) and by the International Symposium on Genre Studies (SIGET), presenting itself as an alternative theoretical model, a fourth or fifth major world trend in genre studies, able to conciliate linguistic, rhetorical, sociological, and pedagogical approaches. The alluded Brazilian model would find its theoretical and methodological bases in the Geneva School and in the socio-discursive interactionism. This paper aims at discussing the statute of the “Brazilian synthesis” as advocated mainly by Bawarshi and Reiff ([2010] 2013), as well as by Swales (2012), taking as a starting point a panoramic view of the theoretical approaches current in the country, including a discussion of the main influences that characterize Brazilian research in the field of genre. Special attention is given to studies that map theoretical approaches as well as combinations among approaches in the works of Brazilian researchers. In addition, this study performs a critical analysis of publications that contributed to disseminating Brazilian genre studies outside of Brazil, and that therefore provided a ground for the synthesis’ hypothesis. The results indicate both the existence of significant complexity and eclecticism in the approaches on genre by Brazilian authors and the adoption of specific and differentiated perspectives, what brings serious objections to the possibility of a synthesis, if understood as a singular and unified perspective.

**Keywords:** genre; genre theory; Brazilian synthesis.

Recebido em 05 de janeiro de 2015.

Aprovado em 19 de junho de 2015.

## Considerações iniciais

Embora hoje fique cada vez mais claro que “o interesse pela teoria de gêneros e suas aplicações não se restringe mais a um grupo específico de pesquisadores de uma área em particular” (BHATIA, 2009, p. 159), os estudos contemporâneos de gêneros ainda costumam ser relacionados, no caso das tradições anglófonas, a pelo menos uma das três vertentes elencadas por Sunny Hyon (1996): a Escola de Sidney, associada à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF); a abordagem do Inglês para Fins Específicos (ESP – *English for Specific Purposes*), associada à Linguística Aplicada; e os Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), associados à Nova Retórica.<sup>1</sup> No Brasil, acrescentou-se a estas a tradição franco-suíça, associada ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e também conhecida no país como a Escola de Genebra. As pesquisas de gêneros *stricto sensu* têm sido conduzidas no Brasil com base em contribuições dessas abordagens, isoladamente ou em combinações diversas entre si e com outros aportes teóricos.

Entretanto, nos últimos anos, pesquisadores internacionais têm se referido aos estudos de gêneros no Brasil como a “síntese brasileira” (BAWARSHI; REIFF, 2013)<sup>2</sup> ou, nessa mesma direção, mais especificamente como uma quarta abordagem que eventualmente mesclaria LSF, ESP, Análise Crítica do Discurso (ACD) e ISD, conforme defendido por Swales (2012). Entretanto, a ideia de uma síntese brasileira nos estudos de gêneros textuais levanta algumas questões importantes: dada a vasta quantidade de programas de pós-graduação e de pesquisadores envolvidos com o tema por todo o país, existe realmente uma síntese brasileira? Se existe, de que natureza é essa síntese? Que

---

<sup>1</sup>Para se referir as duas últimas vertentes, utiliza-se frequentemente, no Brasil, o termo “abordagem sociorretórica”, de modo um tanto ambíguo, com três sentidos possíveis: (1) sociorretórica como a combinação de ESP + ERG, por exemplo, em Silveira (2005); (2) sociorretórica como sinônimo de ESP, por exemplo, em Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012); e (3) sociorretórica como sinônimo de ERG, por exemplo, em Cespes (2009). Nesses trabalhos, via de regra, os autores John Swales e Vijay Bhatia (ESP) e / ou Charles Bazerman e Carolyn Miller (ERG) são referidos como representantes da abordagem sociorretórica.

<sup>2</sup>O original foi publicado em 2010 e pode ser acessado em <[http://wac.colostate.edu/books/bawarshi\\_reiff](http://wac.colostate.edu/books/bawarshi_reiff)>.

tipo de abordagem de estudos de gêneros serve de base para a pesquisa no Brasil? Existe uma escola de gêneros predominante na formulação de uma síntese brasileira? Quais são as principais contribuições dos estudos brasileiros para uma teoria de gêneros mais abrangente? Qual é o papel do ensino na orientação dessa síntese?

Neste ensaio, procuro oferecer reflexões preliminares na tentativa de embasar respostas para algumas dessas questões.<sup>3</sup> Especificamente, meu objetivo neste trabalho é problematizar a assim chamada “síntese brasileira” nos estudos de gêneros textuais, discutindo suas premissas e questionando sua natureza e abrangência. Para alcançar esse objetivo, organizarei o trabalho da seguinte forma: primeiramente, explicito em que consiste a tese de uma “síntese brasileira” das teorias de gêneros, para em seguida discutir dois sentidos possíveis em que se poderia empregar o termo “síntese”, ilustrando cada um deles com exemplos. Em um terceiro momento, discuto a chamada Análise Crítica de Gêneros como um possível empreendimento de síntese, ainda que parcial. No quarto tópico do trabalho, examino a relação entre a figura de Mikhail Bakhtin, os PCN e os estudos brasileiros de gênero. Finalmente, volto o olhar para a obra de Bawarshi e Reiff (2013) para discutir possíveis bases para a tese da “síntese” refletidas na menção a pesquisadores brasileiros no próprio trabalho dos autores.

## **A tese de uma “síntese brasileira”**

Um dos mais prováveis fatores a criar as condições para que estudiosos no contexto internacional postulassem a existência de uma “síntese brasileira” nos estudos de gêneros foi a divulgação em nível mundial da pesquisa brasileira sobre a temática, principalmente por meio de eventos como o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET) e de publicações dele decorrentes.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>No conjunto, as questões levantadas vêm sendo investigadas no âmbito do projeto de pesquisa “Síntese brasileira nos estudos de gêneros textuais: mapeamento e análise crítica”, coordenado por mim e envolvendo estudantes de graduação e pós-graduação na Universidade de Pernambuco e na Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>4</sup>O SIGET realizou-se pela primeira vez em 2003 na Universidade Estadual de Londrina (UEL), estado do Paraná. Na sua quarta edição, realizada na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), na cidade de Tubarão, no estado de Santa Catarina, em 2007,

A “síntese brasileira”, conforme Bawarshi e Reiff (2013, p. 17), foi “dinamizada” pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa e pelo SIGET e se configuraria como uma espécie de nova abordagem teórica, capaz de conciliar aportes de diferentes teorias de âmbito internacional com a ênfase nacional no ensino de língua mediado por gêneros. De acordo com os autores, o modelo educacional brasileiro, no que diz respeito aos gêneros, pode ser definido como “uma abordagem pedagógica fundamentada na teoria do interacionismo sociodiscursivo e na tradição suíça de gêneros”, embora não se restrinja a elas, pois também “combina o foco na consciência de gênero, a análise de convenções linguísticas e a atenção ao contexto social” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 256). Noutros termos, a abordagem brasileira combina pressupostos que abrangem desde as tradições linguísticas até as tradições sociológicas e retóricas de estudos de gêneros.

De fato, os autores asseveram textualmente que a recente pesquisa de gêneros no Brasil “fez a síntese das tradições sociológica, retórica e linguística (ao mesmo tempo em que também lançou mão das tradições pedagógicas francesa e suíça) de uma maneira que revela as possíveis interconexões entre essas tradições” (p. 80). Embora seja provável que os estudos de gêneros no Brasil efetivamente possam ser vistos, em grande parte, como abordagens “mestiças” (MOTTA-ROTH, 2008),<sup>5</sup> não me parece pacífica a existência dessa síntese, especialmente no que diz respeito à combinação da abordagem do ISD com as tradições anglófonas. No entanto, ainda de acordo com Bawarshi e Reiff (2013, p. 99, 101), os estudos brasileiros de gêneros possibilitam “ver essas tradições como mutuamente compatíveis e capazes de proporcionar ferramentas analíticas e teóricas”, para a compreensão do funcionamento linguístico,

---

consolidou-se como evento internacional. Do IV SIGET, resultaram, diretamente, no plano internacional, a coletânea organizada por Bazerman, Bonini e Figueiredo (2009) e números especiais dos periódicos *L1: Educational Studies in Language and Literature* (v. 9, n. 2, 2009) e *Linguistics and Human Sciences* (v. 3, n. 1, 2007). Essas são as obras citadas por Bawarshi e Reiff (2013) que envolvem pesquisadores brasileiros, as quais, pelo que se presume, constituem bases relevantes para a tese da “síntese brasileira”, como será discutido adiante.

<sup>5</sup>Conforme Motta-Roth (2008, p. 368), a perspectiva mestiça adotada pelos estudos de gêneros no Brasil, que mantêm “uma intertextualidade com autores de várias escolas, é a qualidade mais notável” que essa perspectiva tem a oferecer aos estudos da linguagem.

retórico e sociológico dos gêneros, bem como para o seu ensino.

Desse modo, adotando uma visão um tanto generalizante da realidade da pesquisa de gêneros no Brasil, os autores, que a consideram “especialmente instrutiva” (p. 99) exatamente por ilustrar a possibilidade de uma síntese das grandes teorias, provavelmente simplificam a questão e oferecem um panorama artificialmente harmonioso dos estudos realizados no país.

Em um estudo sobre a história da recepção de *Genre in three traditions: implications for ESL*, artigo de Sunny Hyon, publicado em 1996, Swales (2012, p. 113) argumenta que as três tradições “clássicas” descritas pela autora, isto é, LSF, ESP e ERG, “essencialmente sobrevivem, embora com algumas tentativas de encontrar um meio termo entre os três lados do triângulo”.<sup>6</sup> Entretanto, para o autor, seria necessário perguntar se, passados dezesseis anos desde o trabalho de Hyon (1996), não seria demasiadamente excludente continuar a falar de apenas “três tradições” teóricas para o estudo de gêneros. Swales (2012) aponta a “abordagem brasileira de gênero” como candidata ao posto de quarta teoria, apoiando-se em Vian Jr. (2012), além de Bawarshi e Reiff (2013). Com base nesses autores, Swales afirma que a abordagem brasileira é conhecida por combinar a análise de gêneros do tipo ESP e LSF “com uma abordagem mais crítica (Análise Crítica do Discurso), somada à influência do interacionismo sociodiscursivo franco-suíço” (2012, p. 113). Entretanto, ressalte-se que Vian Jr. (no prelo),<sup>7</sup> particularmente, não endossa a perspectiva de uma síntese brasileira: “é impossível falar de uma ‘abordagem brasileira’ aos estudos de gêneros como um rótulo uniforme, um sistema fechado, encapsulado em si mesmo” (p. 1).

Novamente, parece-me que tentativas mais ou menos isoladas de síntese ou, mais apropriadamente, experiências com as “abordagens mestiças” a que se referia Motta-Roth (2008) são tomadas como se representassem os estudos realizados em todo o país e como se refletissem uma espécie de empreendimento nacional em direção a uma teoria

---

<sup>6</sup>A avaliação do autor decorre, como ele afirma, de sua participação no evento *Rethinking Genre 20 Years Later*, realizado na Carleton University, em Ottawa, Canadá, em junho de 2012. O trabalho do autor, aqui citado, teve uma primeira versão exatamente como conferência de abertura do referido encontro.

<sup>7</sup>Versão revisada de Vian Jr. (2012), este originalmente apresentado como comunicação oral no já mencionado evento *Rethinking Genre 20 Years Later* (2012).

unificada e abrangente, o que dificilmente reflete a situação brasileira. A própria autora dá a impressão de referendar hipóteses de sínteses quando defende que as pesquisas brasileiras a partir da década de 1990 originaram “um arcabouço teórico fundado nessas quatro escolas [ESP, ERG, LSF e ISD] que vai servir de base para propostas diversas” (p. 345) relacionadas com o ensino.

Entretanto, exemplos aduzidos pela autora mostram que não é exatamente isso que ocorre, ou seja, não há propriamente propostas pedagógicas baseadas nas “quatro escolas”, mas propostas baseadas em combinações de aportes específicos. Os exemplos apresentados por Motta-Roth são os PCN, “que têm influência do ISD e da teorização de Mikhail Bakhtin”, e a reforma curricular de um curso de letras “inspirada nos quadros teóricos da sociorretórica americana e da linguística sistêmico-funcional australiana” (2008, p. 345). As sínteses são, ao que parece, tanto múltiplas como parciais.

De resto, apesar da diversidade, há de se concordar com a autora sobre o fato de que o conceito de gênero de representantes das quatro escolas parece coincidir em dois pontos mais básicos “[1] gêneros são usos da linguagem associados a atividades sociais; [2] essas ações discursivas são recorrentes e, por isso, têm algum grau de estabilidade na forma, no conteúdo e no estilo” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 350). Entretanto, o que esse consenso básico sinalizaria em termos de uma “síntese” mais ampla e mais profunda?

## **Dupla acepção do termo “síntese”**

Se admitirmos a possibilidade de síntese de uma realidade, como descrevi, tão heterogênea, com tantos centros de pesquisa, tantos pesquisadores, tanta diversidade de orientações e interesses, qual seria a natureza dessa síntese? Considerando a literatura nacional sobre as teorias de gêneros, parece-me que poderíamos utilizar o termo em dois sentidos diversos.

No primeiro, trata-se de síntese na acepção de uma visão panorâmica sobre o conjunto das teorias de gêneros e eventualmente dos estudos realizados no Brasil, uma apresentação geral de autores e abordagens em estilo de manual para uso de estudantes de graduação e pós-graduação. No segundo sentido, mais próximo do que sugerem Bawarshi e Reiff (2013) e Swales (2012), teríamos a síntese brasileira

como uma espécie de macroteoria construída com base em contribuições das diversas abordagens e frequentemente orientada para o ensino. Nessas duas acepções, apresento a seguir alguns destaques e considerações sobre o que tem sido feito, a meu ver, de mais relevante no campo da pesquisa de gêneros no Brasil.

### **Esboço de síntese como visão geral das teorias**

Nessa acepção, é imperativo mencionar pesquisadores como Luiz Antonio Marcuschi, que já no início dos anos 2000 dedicava-se à tentativa de fazer uma leitura global das perspectivas teóricas disponíveis, em especial, visando, como interlocutor, o pesquisador e o estudante brasileiro de pós-graduação. Esse trabalho de Marcuschi tornou-se mais conhecido do grande público apenas a partir de 2008, com a publicação do manual didático *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*.<sup>8</sup>

Assim, Marcuschi (2008) elenca diversas perspectivas sob as quais se desenvolveriam os estudos de gêneros por todo o país, além de apontar os principais centros em que isso se realizava. Parece claro que o autor não concebia, na ocasião, a existência de uma “síntese” capaz de orientar o conjunto da pesquisa brasileira, um empreendimento que pudesse ser generalizado para todos os pesquisadores e para os variados centros de pesquisa distribuídos por todas as regiões. Sinteticamente, o quadro seria o seguinte (cf. Quadro 1), composto por quatro abordagens distintas, acompanhadas dos respectivos representantes e centros de pesquisa em que eram praticadas no momento histórico descrito pelo autor.

A “linha bakhtiniana”, à qual Marcuschi (2008) ligava os nomes de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart, referia-se aos estudos então desenvolvidos sobretudo na PUC/SP. Em sua descrição, Marcuschi (2008) cita os principais nomes dessa perspectiva que sem dúvida exerce grande influência nos estudos de gêneros no Brasil. Quanto a sua localização na PUC/SP, hoje deverá ser entendida como o ponto de partida para a sua disseminação por muitos outros programas de pós-graduação e universidades por todo o país. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 152), tratava-se de uma abordagem “alimentada pela perspectiva

---

<sup>8</sup>Entretanto, o autor já vinha discutindo tais ideias, pelo menos desde 2002, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, como parte da disciplina Análise de Gêneros, oferecida para mestrandos e doutorandos, da qual tive a oportunidade de participar.



de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly / Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart”. Em suma, com o termo “linha bakhtiniana”, Marcuschi efetivamente estava se referindo à perspectiva que conhecemos, hoje, como interacionismo sociodiscursivo (ISD) ou ainda como a “Escola de Genebra”. Havia uma identificação, hoje percebida como não pertinente, entre a abordagem bakhtiniana e a abordagem interacionista sociodiscursiva propriamente dita.

Quadro 1 – Perspectivas teóricas segundo Marcuschi (2008)

Perspectivas	Autores representativos	Centros de pesquisa
1. Uma linha “bakhtiniana”	B. Schneuwly, J. Dolz, J. P. Bronckart	PUC/SP
2. Uma perspectiva “swalesiana”	J. Swales, V. Bhatia	UFC UFSC UFSM
3. Uma linha “marcada pela LSF”	M. Halliday, J. Martin	UFSC
4. Uma perspectiva “mais geral”	M. Bakhtin, J. M. Adam, J. P. Bronckart; C. Bazerman, C. Miller; G. Kress, N. Fairclough	UFPE UFPB

Fonte: elaborado pelo autor

Quanto à perspectiva “swalesiana”, que Marcuschi (2008) qualifica como “mais formal”, por seu foco nos movimentos retóricos característicos dos diversos gêneros de texto, tinha como centros de difusão apontados pelo autor especialmente a UFC, a UFSC e a UFSM. Trata-se de uma perspectiva disseminada, na origem, a partir principalmente da UFSC, instituição em que se doutoraram pesquisadores que posteriormente foram atuar, por exemplo, na UFC. Nessa perspectiva, os autores mais populares foram e continuam sendo John Swales e Vijay Bhatia.

A terceira perspectiva, descrita como uma linha “marcada pela LSF”, também se desenvolveu principalmente na UFSC, de acordo com Marcuschi (2008), com um interesse especial pela análise linguística dos gêneros.

Por último, Marcuschi (2008) menciona uma perspectiva “mais geral”, em que inclui, por um lado, Mikhail Bakhtin, Jean-Michel Adam e Jean-Paul Bronckart; por outro lado, Charles Bazerman e Carolyn

Miller; e, além desses, Günther Kress e Norman Fairclough. O autor via os estudos nessa perspectiva sendo desenvolvidos principalmente na UFPE e na UFPB, e era nela que o próprio Luiz Antonio Marcuschi se incluía.

A propósito da última perspectiva, é possível se perguntar se existe aí uma “síntese” no sentido de uma teoria híbrida ou uma macroteoria que adota múltiplas contribuições. Percebe-se sem dúvida uma perspectiva eclética, em que teríamos uma combinação entre a teoria da linguagem e dos gêneros de Mikhail Bakhtin, o interacionismo sociodiscursivo de Jean-Paul Bronckart, a análise textual dos discursos de Jean-Michel Adam, os Estudos Retóricos de Gêneros de Charles Bazerman e Carolyn Miller, a semiótica social de Günther Kress e a Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough, estas duas últimas inspiradas na Linguística Sistêmico-Funcional.

De que modo tudo isso se conformaria em uma “perspectiva mais geral” não é desenvolvido por Marcuschi (2008), mas é o que mais próximo teríamos de uma possível síntese no sentido apontado por Bawarshi e Reiff (2013). É necessário considerar que o pesquisador da UFPE desenvolveu essas ideias em um momento ainda incipiente dos estudos contemporâneos de gêneros, quando nem tudo se via com a mesma clareza de hoje e não havia ainda a diversidade de publicações atualmente disponíveis para facilitar a discussão. Apesar disso, seus estudos deixam clara a intenção de não se filiar a uma perspectiva única, importada, mas moldar diversas contribuições teóricas combinando-as de modo produtivo para os estudos de língua no país.

Numa direção um tanto diferente, a coletânea *Gêneros: teorias, métodos, debates* (2005), organizada por José Luiz Meurer, Adair Bonini e Désirée Motta-Roth, representa a tentativa mais substancial, no contexto brasileiro, de apresentar ao público um panorama geral dos caminhos teórico-metodológicos possíveis em estudos de gênero, além de oferecer uma tentativa de enquadramento dos principais autores internacionais dentro de uma classificação proposta. Não há um empreendimento de síntese no sentido da combinação de teorias diversas, uma vez que os diversos capítulos da coletânea representam abordagens isoladas se comparados entre si. Globalmente, os estudos de gênero são enquadrados em três grandes abordagens, em que se distribuem variados autores, como se pode ver no Quadro 2.

Quadro 2 – Perspectivas teóricas segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005)

Abordagens	Autores	Equivalência
1. Sociossemióticas	R. Hasan, J. Martin, R. Fowler, G. Kress, N. Fairclough	LSF?
2. Sociorretóricas	J. Swales, C. Miller/C. Bazerman	ESP / ERG
3. Sociodiscursivas	M. Bakhtin, J. M. Adam, J. P. Bronckart, D. Maingueneau	ISD?

Fonte: elaborado pelo autor

Ainda que se trate apenas de uma visão panorâmica, não é difícil perceber o risco de certa simplificação no enquadre proposto, na medida que, nas abordagens 1 e 3, é apresentada uma diversidade de autores dificilmente redutíveis a uma perspectiva única. O que permitiria considerar todos os autores listados como pertencentes a uma perspectiva “sociossemiótica” de gênero, além de sua relação com a Linguística Sistemico-Funcional (LSF), que se dá, contudo, em diferentes graus e com diferentes objetivos? Semelhantes questionamentos podem ser levantados com relação às abordagens “sociodiscursivas”. Como considerar autores tão diferentes como pertencentes a uma determinada abordagem de gênero? Com respeito às abordagens “sociorretóricas”, talvez até pelo menor número de autores resenhados na seção, a descrição atingiu um consenso mais claro e se reflete na terminologia adotada por diversos pesquisadores. Contudo, apresenta o problema similar de reduzir a um rótulo comum autores que normalmente não se colocam a si mesmos dessa maneira (a propósito disso, ver a nota 1).

De toda forma, não se trata, nessa coletânea, de um panorama das orientações teóricas necessárias e efetivamente seguidas na pesquisa brasileira, embora os capítulos em geral tragam a teoria ilustrada por um exercício de análise de dados e embora diversos desses capítulos realmente apresentem opções teóricas bastante recorrentes nos estudos nacionais. Outros capítulos, porém, discutem autores internacionais que não costumam ser tomados como base teórica para os estudos de gênero no Brasil. O mérito da coletânea reside, de fato, em apresentar um leque bastante abrangente de autores estrangeiros que em maior ou menor medida desenvolveram alguma reflexão sobre gênero, apesar de enquadrá-los numa classificação tríplice bastante discutível.<sup>9</sup>

<sup>9</sup>Pereira e Rodrigues (2009) apresentam, a meu ver, um quadro panorâmico mais acurado das perspectivas correntes no Brasil para o estudo dos gêneros. De acordo com

## Esboço de síntese como construção de uma macroteoria

Nesta acepção, um empreendimento singular e que merece destaque foi o projeto idealizado pela falecida pesquisadora Bernardete Biasi-Rodrigues, da Universidade Federal do Ceará (UFC), que, desde a sua chegada à UFC no início dos anos de 2000, vinha desenvolvendo e orientando pesquisas principalmente sobre gêneros acadêmicos sob a abordagem teórica do ESP, em especial com base em John Swales, mas sem deixar de desenvolver um interesse mais amplo pelas diversas abordagens de gênero. Em decorrência dessa visão mais abrangente, Biasi-Rodrigues propôs a um grupo de colegas, orientandos e ex-orientandos vinculados a diversas universidades brasileiras, a realização de um projeto de produção coletiva de uma espécie de síntese temática dos estudos de gêneros, cujo resultado seria publicado na forma de um volume com cerca de vinte capítulos.

O objetivo do projeto, segundo explicava Biasi-Rodrigues, seria realizar uma sistematização dos principais temas atinentes ao estudo de gêneros, a fim de “disseminar sob a forma de capítulos os conhecimentos que abrangem diferentes abordagens sobre fenômenos relacionados aos gêneros”. Tratava-se, objetivamente, de apresentar ao público brasileiro uma síntese dos principais conceitos relativos ao estudo dos gêneros, independentemente de sua procedência teórica. Embora esse procedimento não resultasse propriamente em uma “síntese” macroteórica no sentido de Bawarshi e Reiff (2013), não deixava de ser uma síntese no sentido de apresentar sistematicamente as noções teóricas pertinentes às diversas abordagens de estudo dos gêneros.

Diante do lamentável falecimento de Bernardete Biasi-Rodrigues em 2011, resolveu-se homenageá-la, publicando o trabalho no estágio em que se encontrava, com mais ou menos a metade dos estudos desenvolvidos. O resultado veio à luz sob o título de *Dossiê Biasi-Rodrigues* e foi publicado no ano de 2012 como parte do volume 12, número 1, do periódico *Linguagem em (Dis)curso*, tendo sido organizado por Júlio César Araújo (UFC) e Benedito Gomes Bezerra (UPE / UNICAP), ambos ex-orientandos de Biasi-Rodrigues.

---

os autores, são 6 as abordagens: a sociossemiótica, a sociorretórica, a interacionista sociodiscursiva, a semiodiscursiva, a sociocognitivista e a dialógica (devo a Vian Jr., no prelo, ter chamado a minha atenção para este trabalho).

O dossiê, composto por nove artigos, efetivamente mobiliza contribuições de diferentes enquadres teóricos para enfocar os conceitos de *constelações*, *cadeias*, *propósito comunicativo*, *transmutação*, *intergenericidade*, *suporte*, *hiperenunciador* e *tipologias textuais*. Em um quadro sinótico, as contribuições teóricas mobilizadas centralmente seriam as seguintes:

Quadro 3 – Temas abordados no Dossiê Biasi-Rodrigues

Conceito	Teoria de origem	Autores
Constelações de gênero	Inglês para Fins Específicos	V. Bhatia
Cadeias de gêneros	Inglês para Fins Específicos Análise Crítica do Discurso	J. Swales N. Fairclough
Propósito comunicativo	Inglês para Fins Específicos	J. Swales V. Bhatia
Transmutação de gêneros	Análise Dialógica do Discurso	M. Bakhtin
Intergenericidade	Análise Dialógica do Discurso Linguística de Texto	M. Bakhtin L. A. Marcuschi I. Koch
Suporte de gêneros	Análise Dialógica do Discurso Linguística de Texto Análise do Discurso	M. Bakhtin L. A. Marcuschi D. Maingueneau
Hiperenunciador	Análise do Discurso	D. Maingueneau
Tipologias textuais	Linguística de Texto	I. Koch J.-M. Adam

Fonte: elaborado pelo autor

Chama a atenção, no quadro, a ausência da quase totalidade das “escolas” clássicas de estudos de gêneros, à exceção do Inglês para Fins Específicos – ESP (“sociorretórica”), que aparece nos três primeiros estudos, nomeadamente, sobre os agrupamentos de gêneros em constelações e cadeias e sobre a categoria de propósito comunicativo, conceito central naquela perspectiva. No estudo de outros conceitos, tais como transmutação de gêneros, intergenericidade e suporte, nota-se a forte influência do pensamento de Mikhail Bakhtin e da Análise Dialógica do Discurso<sup>10</sup> nele fundamentada. Percebe-se que a discussão

<sup>10</sup>Registro que, no entanto, os autores de artigos baseados em Bakhtin não nomeiam propriamente a teoria, mas baseiam seus estudos nas concepções defendidas pelo

de conceitos como intergenericidade e suporte recorre à Linguística de Texto com a intenção parcial de demonstrar seus pretensos limites e ampliar a discussão com aportes bakhtinianos. Finalmente, deve-se destacar certo diálogo com noções da Análise do Discurso de Dominique Mangueneau nos artigos sobre suporte e hiperenunciador, bem como a revisitação de um tema clássico da Linguística de Texto, a noção de tipologia ou sequência textual, baseada em Ingedore Koch e Jean-Michel Adam, respectivamente.

Como tentativa de “síntese”, qual seja, de apresentar um apanhado global dos temas relevantes para o estudo dos gêneros, certamente o dossiê se mostra incompleto e parcial, inclusive do ponto de vista das teorias efetivamente mobilizadas. Uma vez que o projeto permaneceu inacabado, uma diversidade de temas que estavam previstos não chegou a ser desenvolvida. Entre os temas não desenvolvidos, podem ser nomeados os conceitos: esfera de atividade humana (M. Bakhtin), arquivo (D. Maingueneau), ordem do discurso (N. Fairclough), contexto social (M. Halliday), ação social (C. Miller), comunidade discursiva (J. Swales), organização retórica (J. Swales), multimodalidade (G. Kress, T. van Leeuwen), colônia de gêneros (V. Bhatia), conjuntos e sistemas de gêneros (C. Bazerman). Embora nem de longe esgotasse as possibilidades de reflexões sobre gêneros, o desenvolvimento dessas temáticas, sem dúvida, ofereceria um panorama mais amplo das variadas contribuições teóricas para a análise da questão. Ainda assim, não configuraria uma síntese teórica entendida como uma superteoria toda abrangente.

## **A “Análise Crítica de Gêneros” (ACG)**

Sob o rótulo de Análise Crítica de Gêneros, destaco nesse ponto o que poderíamos tratar como uma das muitas “sínteses” possíveis no contexto brasileiro de pesquisa de gêneros, em vez de conceber algo semelhante a uma síntese única, ampla e abrangente o bastante para fazer justiça a tudo que se faz quando se faz pesquisa sobre gêneros no Brasil. Motta-Roth (2008, p. 368) defende a ACG como um meio de incorporar um componente crítico na pesquisa e ensino de gêneros, apontando para tanto as contribuições de autores como Mikhail Bakhtin

---

pensador, que são atualmente reunidas sob o rótulo de Análise Dialógica do Discurso por diversos estudiosos.

e Norman Fairclough. Em trabalho posterior, Motta-Roth (2013, p. 121) descreve a ACG como um “enquadramento interdisciplinar [...] que combina aportes da Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e a Sociorretórica”.

Concretamente, a autora propõe, visando ao delineamento de uma proposta específica no âmbito do ensino superior, a seguinte combinação de conceitos, mobilizados com base em três diferentes teorias de gênero: “Mencionarei especificamente os conceitos de sistema e conjunto de gêneros da sociorretórica [ERG], a proposta d’A Roda, do ciclo de leitura e produção textual da escola australiana [LSF] e a ideia de Transposição Didática da escola suíça [ISD]” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 362).

De acordo com Motta-Roth (2013), coube a José Luiz Meurer, pesquisador da UFSC falecido em 2009, o papel de precursor da ACG como uma abordagem teórica “situada no contexto brasileiro para o estudo da língua em uso” (p. 124). Meurer referiu-se a essa perspectiva como uma “análise crítica de gêneros textuais” já no início dos anos 2000 (MEURER, 2001). Ainda segundo Motta-Roth (2013), a proposta de Meurer encontra ressonância tanto em autores nacionais quanto em pesquisadores internacionais, ainda que seu papel não seja sempre explicitamente mencionado.

De fato, uma perspectiva internacional denominada *Critical Genre Analysis* tem um expoente destacado na pessoa de Vijay K. Bhatia, que tem tratado reiteradamente da abordagem como “uma tentativa de fazer a teoria de gêneros ir além da análise de recursos semióticos utilizados nos gêneros profissionais, a fim de compreender e esclarecer práticas ou ações profissionais em contextos acadêmicos e profissionais típicos” (BHATIA, 2012, p. 22).<sup>11</sup> No entanto, se há algum débito em relação a Meurer, não há nos trabalhos do autor qualquer menção ao pesquisador brasileiro (cf. BHATIA, 2007, 2008, 2010, 2012). É provável que se trate apenas de uma coincidência terminológica, considerando inclusive que o foco da ACG de Bhatia é mais restrito, consistindo especificamente em uma combinação entre a teoria de gêneros (leia-se, ESP) e a Análise Crítica do Discurso baseada em Fairclough.

Entre os pesquisadores brasileiros, essa concepção aparece em Bonini (2010, p. 487), que concebe a ACG precisamente como a “fusão de dois campos: a Análise de Gêneros e a Análise Crítica do Discurso”. O

---

<sup>11</sup>A propósito disso, ver também Bhatia (2008).

autor atribui a Bhatia (2004, 2007, 2008, 2010) o crédito de desenvolver as reflexões na perspectiva da ACG, sem deixar de correlacionar essa abordagem com aquela defendida por Motta-Roth (2008). De acordo com Bonini (2010, p. 491), na perspectiva da ACG, o gênero e seus componentes seriam estudados como parte das discussões em torno de problemas sociais, por exemplo, racismo, xenofobia ou relações de poder. Nessa abordagem, efetivamente mais alinhada a Bhatia (2010), o que se percebe é muito mais a incorporação da perspectiva crítica da ACD baseada em Norman Fairclough<sup>12</sup> do que a tentativa de delineamento de uma perspectiva teórica “mestiça” na direção defendida e exemplificada por Motta-Roth (2008), que estaria mais próxima da conotação de uma “síntese” nos moldes que estamos tratando neste trabalho.

Entretanto, em trabalho mais recente, Bonini (2013) atribui as raízes da ACG tanto a Meurer (2002) quanto a Bhatia (2004),<sup>13</sup> e descreve a combinação da “perspectiva sociorretórica com a Análise Crítica do Discurso” como um quadro que “vem se complexificando com a inclusão do conceito de gênero de Bakhtin ou mesmo com a substituição da base sociorretórica pela dialógica” (p. 105-106), além do uso frequente de aportes da Linguística Sistêmico-Funcional. Nessa versão revisada, a ACG aparece agora também em Bonini (2013) como uma perspectiva bem mais eclética e mais em linha com diálogos teóricos usuais nas abordagens brasileiras.

## **Mikhail Bakhtin, os PCN e os estudos brasileiros de gênero**

Um dado mais ou menos claro para a consideração de uma eventual síntese brasileira nos estudos de gêneros é que essa abordagem provavelmente reservaria um lugar privilegiado para o teórico russo Mikhail Bakhtin. O uso generalizado de aportes teóricos bakhtinianos

---

<sup>12</sup>Apesar de reconhecer as similaridades entre ACD e ACG, Bhatia (2012) ressalta uma diferença fundamental entre as abordagens: ao contrário da ACD, cujo foco se concentra nas relações sociais de dominação e na análise das estruturas sociais mais amplas, a ACG se constitui mais especificamente como “um modo de ‘desmistificar’ as práticas profissionais por meio dos gêneros” (p. 23). Para um estudo brasileiro nesta linha, ver Costa e Bezerra (2013).

<sup>13</sup>Bonini (2013, p. 106) ressalva que Bhatia (2004, 2008) propôs uma abordagem crítica para o estudo dos gêneros “embora não fosse um interlocutor de Meurer”.



nos estudos brasileiros de gêneros, com ou sem impacto considerável nas análises empreendidas, parece confirmar a tese de Marcuschi (2008, p. 152): “Como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa”. Particularmente, segundo Marcuschi, Bakhtin representaria “uma espécie de bom senso teórico em relação à concepção de linguagem” (2008, p. 152), o que o leva a ser quase sempre acionado ao se delinear um aparato teórico-metodológico de análise de gêneros em trabalhos científicos.

Em trabalho que buscava mapear as abordagens ao conceito de gênero fundamentadas na Linguística de Texto, Gomes-Santos (2003) apresenta um quadro em que se podem ver diferentes combinações teóricas, destacando-se, particularmente, aquelas que de alguma forma apoiam-se nos conceitos de Bakhtin, em geral articulando suas concepções com noções teóricas de outras procedências. Reproduzo os dados do autor para evidenciar a centralidade de Bakhtin nas diferentes “sínteses” que se podem visualizar.

Quadro 4 – Aportes teóricos em estudos de gêneros

Aportes teóricos	No. de artigos científicos
1. Estudos em linguística textual e/ou análise da conversação conjugados a estudos de tendências variadas	31
2. Bakhtin; grupo de Genebra e/ou outros autores	26
3. Bakhtin e outros autores de tendências variadas	28
4. Estudos anglo-saxões (Fairclough, Swales, Bathia etc.) e/ou autores brasileiros de tendências variadas	20
5. Bakhtin; teoria do discurso de linha francesa e/ou estudos de história das ideias e mentalidades	12
6. Bakhtin e estudos de gênero anglo-saxões	7
7. Bakhtin e estudos em linguística textual e análise da conversação brasileiros	4
8. Grupo de Genebra e/ou outros autores	3
9. Escola francesa de análise do discurso e outros estudos enunciativo-discursivos	2

Fonte: Gomes-Santos (2003, p. 320)

De acordo com os dados, em uma amostra de 133 artigos científicos, 77 deles fazem referência a Bakhtin como seu aporte teórico, estabelecendo diálogos teóricos os mais diversos, em um vasto leque de combinações. Mais uma vez, os dados não apontam para uma síntese no sentido apontado por Bawarshi e Reiff (2013), mas para diferentes abordagens “mestiças”, nos termos de Motta-Roth (2008), reafirmando aqui, adicionalmente, a força e a influência representadas, no contexto brasileiro, pelo pensamento do teórico russo. De modo semelhante a Gomes-Santos (2003), também Silva e Bezerra (2014) confirmam o frequente apelo a Bakhtin por parte de pesquisadores que se dedicaram a realizar estudos voltados para gênero e ensino de língua, tanto em diferentes combinações teóricas como em abordagens baseadas unicamente no próprio Bakhtin.

Se, por um lado, o tratamento dado a Bakhtin como uma espécie de teórico de base para virtualmente qualquer abordagem de gênero o credencia a integrar toda tentativa de síntese dos estudos brasileiros, por outro lado, parece sugerir, pelo menos para pesquisadores iniciantes, a diluição das especificidades de cada teoria, visto que todas elas de alguma forma pareceriam originar-se de Bakhtin. A propósito disso, ressalte-se a incorporação crescente do autor também pelos teóricos internacionais de diversas tendências, em trabalhos mais recentes (o que obviamente sinaliza uma realidade diferente nos primeiros trabalhos desses autores). Como salienta Motta-Roth (2008, p. 354), “Bakhtin e Fairclough, antes ausentes, aparecem nos livros mais recentes de Swales (1990, 2004) e Bhatia (1993, 2004)” [...], bem como “nas obras mais recentes de linguistas sistêmico-funcionais, como Martin & Rose (2003)”.

Quanto aos PCN, cabe alguma discussão acerca da afirmativa de Bawarshi e Reiff (2013) de que os PCN “dinamizaram” os estudos de gêneros no Brasil. Não se trata, neste caso, de refutar a tese dos autores, mas de se perguntar: de que estudos de gêneros estamos falando? Com que foco e objetivo? Se, de um lado, a divulgação dos PCN plausivelmente foi um dos fatores a provocar o *boom* de estudos sobre gêneros que se verificou na última década e meia no país, por outro lado, não se pode esquecer que obviamente os gêneros já eram objeto de estudo independentemente dos PCN, bem como continuaram a sê-lo, mesmo diante de sua existência, visto que o interesse pelo tema não se restringe à parametrização do ensino de língua na educação básica, foco de preocupação dos PCN.

Resta pouca dúvida de que estudos de gêneros conduzidos com base no ISD, bastante numerosos no Brasil, em geral voltados para a educação básica, frequentemente terão os PCN como um referencial, conforme indicam os dados de Gomes-Santos (2003) e Silva e Bezerra (2014), já mencionados. Entretanto, estudos situados, por exemplo, nas tradições anglófonas do ESP e dos ERG, normalmente elegem focos outros, sem relação necessária com a educação básica, como os gêneros acadêmicos, os gêneros profissionais, os gêneros públicos e aqueles ligados às novas mídias. Nesses casos, que representam boa parte do que se faz na pesquisa de pós-graduação brasileira, os PCN frequentemente não exercem nenhum papel digno de nota.

### **A “abordagem brasileira” em Bawarshi e Reiff (2013)**

Visto que defendem a existência de uma abordagem brasileira responsável pela “síntese” das tradições linguísticas, retóricas, sociológicas e pedagógicas para o estudo de gêneros, parece pertinente se perguntar pelos reflexos dessa abordagem no panorama que os próprios autores traçam acerca das aplicações de teorias de gêneros em diversos contextos. Uma busca sobre as referências dos autores a pesquisadores brasileiros indica que os trabalhos mencionados são provenientes de três fontes: os números especiais, temáticos, dos periódicos *LI: Educational Studies in Language and Literature* (v. 9, n. 2, 2009), sob o tema “L1 studies in Brazil”, e *Linguistics and Human Sciences* (v. 3, n. 1, 2007), dedicado a estudos sobre “gêneros e modos sociais de ser”, além da coletânea *Genre in a changing world* (2009), todos constituídos por seleções de trabalhos previamente apresentados no IV SIGET, realizado em 2007 na cidade de Tubarão, sediado pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Do ponto de vista da representatividade regional, o número especial de *LI: Educational Studies in Language and Literature* contempla, em seus cinco artigos, pesquisadores de apenas três das cinco regiões brasileiras, e ainda assim de forma bastante desigual: três trabalhos são provenientes de universidades da região sul, um da região nordeste e um da região sudeste. No que concerne às perspectivas teóricas mobilizadas pelos autores, o ISD aparece em quatro trabalhos e a LSF, associada a aportes da Sociolinguística laboviana, em um deles, como mostra o Quadro 5.

Quadro 5 – Distribuição dos estudos de gênero em *LI...*

Quantidade de trabalhos	Região	Estados	Perspectivas teóricas	Universidades
3	Sul	Paraná Rio Grande do Sul	ISD	UEL UNISINOS UCS
1	Sudeste	Rio de Janeiro	LSF + Socio- linguística	PUC
1	Nordeste	Ceará	ISD	UFC

Fonte: elaborado pelo autor

A seleção dos trabalhos para o volume indicia a possível predominância da abordagem do ISD, em especial no que tange a abordagens focadas no ensino de língua. Entretanto, o fato de que, conforme os organizadores do volume, “o grupo que trabalha na perspectiva [do ISD] se tornou um dos mais produtivos e influentes” (BONINI; FIGUEIREDO; BAZERMAN, 2009, p. 2) não implica necessariamente uma “síntese” do ISD com outras perspectivas possíveis. Um breve olhar sobre esses estudos mostra que não existe tal diálogo ou que ele não desempenha um papel relevante nos trabalhos selecionados. Uma combinação de perspectivas teóricas é evidente apenas no trabalho que não se coloca na linha do ISD, mas adota a LSF em um diálogo claro com os trabalhos acerca da narrativa, vinculados à sociolinguística laboviana.

Longe de apontar para uma eventual “síntese”, os organizadores ressaltam que a pesquisa em língua materna no Brasil se orienta por “um mosaico de perspectivas”, de modo que os “muitos pontos de mútua colaboração e diálogo” (p. 2) existentes entre essas perspectivas não configuram necessariamente uma “síntese”. De toda forma, a seleção de trabalhos para o periódico, tal como feita, compreensivelmente contribui para se colocar em primeiro plano as pesquisas brasileiras baseadas no ISD, tornando difícil para o leitor estrangeiro formar uma visão mais abrangente da diversidade de perspectivas atuantes no país.

Quanto ao número temático de *Linguistics and Human Sciences*, há apenas um estudo de pesquisadora brasileira (PEREIRA, 2007) entre os cinco trabalhos selecionados, e este se orienta pela perspectiva da Sociolinguística Interacional para analisar o gênero entrevista psiquiátrica, em um enfoque que não aponta para nenhum empreendimento de síntese teórica, nem mesmo alude às teorias de gênero “clássicas”.

Já a coletânea *Genre in a changing world*, organizada por Charles Bazerman, Adair Bonini e Débora Figueiredo, também publicada em 2009 com uma seleção de 24 trabalhos apresentados no IV SIGET, traz nove capítulos assinados por pesquisadores vinculados a cinco universidades brasileiras diferentes. Novamente, as mesmas três regiões brasileiras, a saber, sul, sudeste e nordeste, estão representadas, não havendo nenhum trabalho procedente do centro-oeste ou do norte. A distribuição de trabalhos por região é bastante desigual: são seis estudos procedentes da região sul, dois do sudeste e um do nordeste. Por si só, esse aspecto inviabiliza qualquer tentativa de generalização em termos de uma abordagem “brasileira” no sentido de uma perspectiva que se refira ao país inteiro.

Quadro 6 – Distribuição dos estudos de gênero em Bazerman, Bonini e Figueiredo (2009)

Quantidade de trabalhos	Região	Estados	Perspectivas teóricas	Universidades
6	Sul	Rio Grande do Sul Santa Catarina	LSF ESP + Teoria da Relevância ACD Círculo de Bakhtin	UFSM UNISUL
2	Sudeste	São Paulo	ESP Círculo de Bakhtin	UNESP UNICAMP
1	Nordeste	Pernambuco	ESP + ERG + Multi-modalidade	UFPE

Fonte: elaborado pelo autor

De qualquer forma, surpreende, no Quadro 6, a completa ausência do ISD, que seria a perspectiva dominante no país ou, como sugeriam Bonini, Figueiredo e Bazerman (2009, p. 2) noutra contexto, o grupo “que se tornou um dos mais produtivos e influentes” no Brasil. A meu ver, a estranheza se justifica, mesmo considerando que o volume em questão não apresenta um foco central no ensino, perspectiva privilegiada pelos autores cujos trabalhos se amparam no ISD. Obras e autores representativos do ISD até aparecem nas bibliografias de dois dos trabalhos que se apoiam teoricamente no Círculo de Bakhtin, mas de modo secundário, em geral na relação com ferramentas metodológicas para o ensino de língua, ocasiões em que se mencionam, por exemplo, as sequências didáticas. No mais, o

que temos são as formas usuais de combinação entre teorias “clássicas” de gêneros e outras perspectivas, umas mais usuais, outras mais inusitadas. A combinação das perspectivas do ESP e dos ERG, por exemplo, tornou-se tão comum no Brasil que os pesquisadores nacionais chegaram a cunhar um termo específico para designar essa junção: a perspectiva “sociorretórica”. O quadro mostra que isso acontece em pelo menos um dos capítulos de *Genre in a changing world*, em que o pesquisador ainda acrescenta a perspectiva dos estudos da multimodalidade.

Em suma, a coletânea, a exemplo dos números especiais de *L1: Educational Studies in Language and Literature* e de *Linguistics and Human Sciences*, mostra duas possibilidades claras que costumam ser seguidas pelos pesquisadores: a primeira é a opção direta por uma teoria específica, em estudos nos quais se julga que a referida perspectiva dá conta da análise dos dados a que se destina, não importando se se trata de uma das quatro “escolas” clássicas ou de uma perspectiva diferenciada como a ACD, a abordagem do Círculo de Bakhtin ou a Sociolinguística Interacional; a segunda é a combinação de aportes teóricos, que podem envolver uma ou mais de uma das teorias “clássicas” e outras perspectivas como as teorias de multimodalidade ou a teoria da relevância, nos casos exemplificados na coletânea em foco. A natureza da combinação, nesse último caso, poderá ser orientada pelas próprias exigências do objeto de estudo.

Retornando ao motivo por que essas três obras foram brevemente resenhadas neste ensaio, se o conteúdo de *L1: Educational Studies in Language and Literature* justificaria a centralidade do ISD na proposição de uma “síntese brasileira” por Bawarshi e Reiff (2013), tal não aconteceria no que diz respeito a *Linguistics and Human Sciences* e a *Genre in a changing world*. Curiosamente, o ISD passa de perspectiva dominante na primeira obra para uma perspectiva ausente na segunda e terceira. E perspectivas completamente ausentes de *L1...* assumem papel de destaque na coletânea, como é o caso do ESP. O conjunto dos trabalhos, conseqüentemente, de forma alguma apontaria para uma “síntese brasileira” com a amplitude sugerida por Bawarshi e Reiff (2013) e até por Swales (2012).

## Considerações finais

É possível que, ao final deste ensaio, pouco haja a oferecer a não ser mais perguntas do que aquelas que foram levantadas no início. O que

temos até agora nos estudos brasileiros de gêneros? Estamos próximos de uma síntese? Se estamos, de que tipo seria essa síntese? Ou temos e teremos apenas *sínteses* diversas? *Uma* síntese seria possível? E, se for possível, seria necessária? Por conta das considerações feitas ao longo deste trabalho, é possível sistematizar as seguintes observações.

Primeiro, confirmando minha impressão inicial, há que se concordar com Vian Jr. (no prelo) em que “é impossível falar de uma ‘abordagem brasileira’ aos estudos de gêneros como um rótulo uniforme, um sistema fechado, encapsulado em si mesmo” (p. 1). Não é possível visualizar ou descrever uma abordagem específica capaz de fazer justiça à complexidade e diversidade do trabalho que se faz com os gêneros no Brasil. Qualquer proposta nesse sentido se mostrará parcial e limitada.

Em segundo lugar, no entanto, é possível falar em termos de predominância ou de certas preferências teóricas que podem se mostrar típicas de parte dos estudos brasileiros. Uma delas é a recorrente menção a Mikhail Bakhtin e a suas concepções de linguagem, língua e gênero. Em todo mapeamento que se faça dos estudos de gêneros no Brasil, é altamente provável que abordagens baseadas em Bakhtin terão um lugar destacado, inclusive em estudos nos quais as teses bakhtinianas aparecem apenas como aquele “bom senso teórico” mencionado por Marcuschi (2008). Outra preferência mais ou menos clara no conjunto dos estudos brasileiros, mormente naqueles que se voltam para o ensino básico, é a opção pela perspectiva interacionista sociodiscursiva, inclusive pela indução produzida pelos PCN, nos quais a teoria se acha bem representada.

Em terceiro lugar, os dados referidos ao longo deste trabalho apontam para uma variedade de abordagens combinadas, muitas delas definidas *ad hoc*, certamente em função dos diferentes objetos de pesquisa e até mesmo das preferências teóricas de cada pesquisador. Entre essas combinações, ganhou alguma força no panorama brasileiro a chamada Análise Crítica de Gêneros, referida como uma associação de aportes teórico-metodológicos da Análise de Gêneros (= ESP), da Análise Crítica do Discurso e, eventualmente, dos Estudos Retóricos de Gêneros e do Interacionismo Sociodiscursivo, no caso de Motta-Roth (2008). Outra combinação frequente, como afirmei anteriormente, reúne as perspectivas do ESP e dos ERG sob o rótulo de “abordagem sociorretórica”. As possibilidades de combinação entre teorias (e respectivas metodologias), entretanto, são virtualmente inesgotáveis.

Finalmente, a julgar pelos trabalhos referidos neste estudo, outros pesquisadores simplesmente optam por uma perspectiva específica entre as possibilidades de estudos de gêneros, sem mostrar interesse pelo diálogo com outras teorias. No corpo deste trabalho, foram referidos estudos baseados unicamente na Linguística Sistêmico-Funcional, no Interacionismo Sociodiscursivo ou nas ideias do Círculo de Bakhtin, por exemplo. Entretanto, isso não significa que essas perspectivas não possam ser (e efetivamente não sejam) objeto de diálogos e combinações teóricas diversas a depender do objeto de estudo e do desenho de pesquisa estabelecido pelo pesquisador.

Embora deva ressaltar o caráter preliminar e ensaístico deste estudo, de modo que cabe ainda muita investigação empírica para que se possa chegar a conclusões mais firmes sobre as questões levantadas, até este ponto do nosso conhecimento, concordo com o ceticismo de Swales (2004, p. 3) sobre a possibilidade de uma teoria de gêneros “tamanho único” que seria “melhor” para todas as circunstâncias. Se uma pretensa “grande teoria de gêneros que dê conta da linguagem em toda a sua complexidade” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 368) é vista com tanto ceticismo, por que deveria haver uma abordagem “brasileira” entendida como uma macroteoria conciliadora das principais perspectivas mundiais? O mais provável é que dificilmente teremos uma “síntese brasileira”, e sim as mais variadas sínteses, abordagens ou perspectivas, fruto de diálogo não só entre as teorias de gênero *stricto sensu* mas também entre essas e outras teorias, especialmente teorias do texto e do discurso.

Segundo Motta-Roth, a possibilidade da utilização de referenciais teóricos diversos, configurando “uma perspectiva mestiça, que mantém uma intertextualidade com autores de várias escolas, é a qualidade mais notável que a perspectiva dos estudos de gêneros tem a oferecer aos estudos da linguagem” (2008, p. 368). Como procurei deixar claro, eu diria que essa qualidade se evidenciará no delineamento de variadas perspectivas, mestiças ou não, e essa pluralidade será incontornável. Contudo, ainda que jamais cheguem a representar uma síntese das grandes perspectivas mundiais, se os estudos de gênero no Brasil forem capazes de empreender os diálogos necessários e pertinentes entre as diversas perspectivas e com outras abordagens que se fizerem necessárias, já terão o seu lugar no panorama mundial da pesquisa de gêneros plenamente justificado.



## Referências

ARAÚJO, J.; BEZERRA, B. G. (Org.). Dossiê Biasi-Rodrigues. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 12, n.1, p. 181-364, jan./abr. 2012.

BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. São Paulo: Parábola, [2010] 2013.

BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. (Ed.). *Genre in a changing world*. Fort Collins, West Lafayette: The WAC Clearinghouse, Parlor Press, 2009.

BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.

\_\_\_\_\_. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum, 2004.

\_\_\_\_\_. *Interdiscursivity in critical genre analysis*. In: BONINI, A.; FIGUEIREDO, D.; RAUEN, F. (Org.). In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON GENRE STUDIES (SIGET), 4., 2007, Tubarão/SC. Proceedings... Tubarão: Unisul, 2007. V. 1, p. 391-400.

BHATIA, V. K. *Towards critical genre analysis*. In: BHATIA, V. K.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. H. (Ed.). *Advances in discourse studies*. London: Routledge, 2008. p. 166-177.

\_\_\_\_\_. *Análise de gêneros hoje*. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009. p. 159-195.

\_\_\_\_\_. *Interdiscursivity in professional communication*. *Discourse and Communication*, v. 4, n. 1, p. 32-50, 2010.

\_\_\_\_\_. *Critical reflections on genre analysis*. *Ibérica*, n. 24, p. 17-28, 2012.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, B. G. *Propósito comunicativo em análise de gêneros*. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão/SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan./abr. 2012.

BONINI, A. *Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas*. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (Org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 485-510, set./dez. 2010.

BONINI, A.; FIGUEIREDO, D.; BAZERMAN, C. Introduction. *L1: Educational Studies in Language and Literature*. v. 9, n. 2, p. 1-5, 2009.

BONINI, A.; FIGUEIREDO, D.; BAZERMAN, C. (Ed.). *L1: Educational Studies in Language and Literature: L1 studies in Brazil*. v. 9, n. 2, 2009.

CESPES, L. L. S. L. *Gêneros interpessoais e ensino: interação em práticas sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/FL/Programa de Letras Vernáculas/Língua Portuguesa, 2009.

COSTA, I.; BEZERRA, B. G. Análise crítica de gêneros textuais: o guia eleitoral recontextualizado. *Intersecções*, v. 6, n. 3, p.76-91, nov./2013.

FIGUEIREDO, D.; BAZERMAN, C.; BONINI, A. (Ed.). *Linguistics and Human Sciences*, v. 3, n. 1, 2007.

GOMES-SANTOS, S. N. A linguística textual na reflexão sobre o conceito de gênero. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 315-323, Jan./Jun. 2003.

HYON, S. Genre in three traditions: implications for ESL. *TESOL Quarterly*, n. 30, p. 693-722, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, J. E.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London/New York: Continuum, 2003.

MEURER, J. L. Análise crítica de gêneros textuais. In: INPLA, 11., 2001. *Caderno de Resumos*. São Paulo: PUC/SP, 2001. p. 202-203.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-29.

Meurer, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *D.E.L.T.A.*, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros com foco em notícias de popularização da ciência. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (Org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 121-143.

PEREIRA, T. C. The psychiatric interview: practice in/of the clinic. *Linguistics and Human Sciences*, v. 3, n. 1, p. 25-46, 2007.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da linguística. *Letra Magna*, v. 5, n. 11, p. 1-18, 2009.

SILVA, N. I.; BEZERRA, B. G. O conceito de gênero em artigos científicos sobre ensino de língua materna: repercussões de quatro tradições de estudos. In: APARÍCIO, A. S. M.; SILVA, S. R. *Gêneros textuais e perspectivas de ensino*. Campinas: Pontes, 2014. p. 17-48.

SILVEIRA, M. I. M. *Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. M. *A text and its commentaries: toward a reception history of "Genre in three traditions"* (Hyon, 1996). *Ibérica*, n. 24, p. 103-116, 2012.

VIAN JR., O. Beyond the three traditions in genre studies: a Brazilian perspective. In: ARTEMEVA, Natasha; FREEDMAN, Aviva (Eds.). *Trends and traditions in genre studies*. Edmonton, AB, Canada: Inkshed Publications. No prelo. p. 1-17.